

Prefácio

O presente volume abre com um artigo de Kwasu David Tembo que apresenta a leitura crítica de uma produção ficcional em formato de banda desenhada, centrada numa figura mitológica de proeminência substantiva na cultura popular contemporânea – o vampiro. Contudo, ao invés de uma reflexão centrada nas personagens (predadores ou vítimas) ou em detalhes narrativos, o autor coloca o enfoque no contexto cénico, discutindo o *locus* Ártico como paraíso arquetípico para os mortos-vivos. As histórias de vampiros podem parecer completamente deslocadas das preocupações pragmáticas dos cientistas sociais, particularmente num mundo secularizado e dominado pela tecnociência; mas com devida ancoragem na teoria crítica da literatura, é possível reconhecer que estas narrativas são extremamente relevantes para abordar os medos e desejos do ser humano em relação à morte, sexualidade, alteridade, sociedade, entre outros. Ao focar a história de um massacre vampírico de uma comunidade localizada no Ártico, coadjuvado pelas condições específicas de uma noite polar, o autor acaba por congeminar uma pungente reflexão sobre o colapso dos ciclos diurnos/noturnos de trabalho/descanso num contexto de opressiva predação capitalista, exacerbada pelas condições pandémicas em que vivemos, e sustentada pela acessibilidade e ubiquidade de tecnologias que constroem o ser humano a nunca se desligar completamente da esfera produtiva, a viver num interminável dia de trabalho.

Ana Maia escolhe, como objeto de estudo, o filme português de 1942, *O Pátio das Cantigas*, para analisar as representações de género e emigração, acrescentando ainda algumas reflexões sobre a construção de imagens territoriais, a valorização da ruralidade e dos valores tradicionais durante o Estado Novo, em Portugal. Através da análise das imagens, dos cenários, da narrativa e do discurso produzido pelas personagens do filme, a autora mostra como *O Pátio das Cantigas* constitui o “arquetipo cinematográfico da propaganda ideológica do Estado Novo, e remete para valores tradicionais, representações estereotípicas de género e projetos de emigração, em particular para o

Prefácio

Brasil” (p. 31). As dicotomias e a moralidade expressas pelas personagens femininas do filme, a quem Ana Maia dedica particular atenção no seu estudo, servem não só objetivos de entretenimento, mas também como forma de educação das massas para os valores patriarcais dominantes na época do Estado Novo.

No artigo seguinte, Joana Martins propôs-se analisar a cobertura dos aniversários da morte de vinte figuras públicas portuguesas, entre 1970 e 2014, em três jornais portugueses, (*Correio da Manhã*, *Diário de Notícias* e *Jornal de Notícias*). A autora identifica dois cenários diferentes nas opções editoriais que refletem diferentes critérios de noticiabilidade e diversos enquadramentos dos acontecimentos. Nalguns casos, o aniversário da morte serviu para recordar a personalidade falecida, como nos casos de Álvaro Cunhal, Amália Rodrigues, Joaquim Agostinho ou José Afonso; noutros casos, como por exemplo, nas homenagens a Miguel Torga e a José Saramago ou na inauguração do aeroporto Francisco Sá Carneiro, as comemorações foram aproveitadas para a abordagem de acontecimentos presentes e futuros. Como conclui Joana Martins, “a morte, só por si, não é o gancho da efeméride, na medida em que há um acontecimento atual que conquista maior peso editorial e esse mesmo acontecimento é a janela através da qual a efeméride é construída” (p. 64).

Fernando Jesus da Rocha e Ricardo Morais analisam o modo como os principais clubes do futebol português e do futebol brasileiro assinalam o Dia Internacional da Mulher, avaliando assim o papel que estas organizações desportivas desempenham nas questões de igualdade de género. Para tal, os autores procedem a uma análise qualitativa das publicações oficiais dos clubes, na rede social Facebook, por ocasião do referido dia. O objetivo a que se propõem é o de compreender se as práticas comunicacionais destas organizações espelham um posicionamento crítico em relação ao empoderamento feminino ou se não são mais do que o reflexo de um discurso retórico, pretensamente igualitário. Os resultados do seu estudo mostram que os clubes, apesar de algumas diferenças existentes entre eles, procuram alertar para o papel da mulher, “conferindo assim ao futebol um papel não apenas no campo do entretenimento, mas sobretudo no da transformação social” (p. 86).

O artigo de Jeffrey Winner e Antonia Wurn procura colmatar um défice de investigação sobre os fatores contextuais do quotidiano dos adolescentes que determinam a composição das escolhas dos repertórios mediáticos. Desta forma, o seu estudo centra-se na interação entre a composição do repertório mediático e o quotidiano dos adolescentes, incluindo também a gestão da privacidade no processo de aquisição dos meios de comunicação digital como parte desse repertório. Depois de divi-

direm o grupo demográfico dos jovens em três estágios diferentes, tendo em consideração a sua complexidade, os autores concluem que as diferenças marcantes que existem entre os vários estágios, em particular nas categorias de informação e participação, mostram que a composição do repertório mediático dos jovens representa um processo recursivo. Torna-se, pois, necessário a inclusão de fatores de natureza contextual, tais como o ambiente familiar e os grupos de pares.

A análise comparativa entre as representações fotográficas, na Revista *IstoÉ*, da presidente brasileira Dilma Roussef e do candidato Aécio Neves é o objetivo do artigo de Natália Gomes.

Através da Análise Crítica do Discurso e dos processos semióticos de conotação utilizados pela revista *IstoÉ*, tais como pose, estética, fotogenia, escolha de objetos e trucagem, Natália Gomes chama a atenção para o tratamento desigual que Dilma recebeu dos media brasileiros, contribuindo para a construção de uma imagem negativa, em contraste com a tentativa de transmitir uma imagem positiva de Aécio Neves. Segundo a autora, a sua análise permitiu identificar “estereótipos visuais vinculados ao não pertencimento feminino aos espaços públicos de poder, a racionalidade masculina em contraste com a histeria feminina, a vulnerabilidade e solidão das mulheres políticas e vinculações de Dilma à figura de bruxa” (p. 125), o que explica a violência simbólica que Dilma sofreu, enquanto presidente do Brasil.

Francisco Fontes analisa os editoriais que três órgãos de comunicação social generalistas portugueses publicaram sobre a COVID-19, procurando perceber a forma como o tema é enquadrado e percecionado no discurso público. O autor assenta o seu estudo no conceito de enquadramento (ou *framing*), apesar de lhe reconhecer alguma indefinição concetual. Os enquadramentos constituem uma “ferramenta capaz de viabilizar uma análise dos discursos dos diretores, bem como das construções simbólicas, crenças e valores que expressam como representantes da opinião dos seus órgãos de comunicação sociais” (p. 158). Francisco Fontes considerou dois períodos distintos de análise, março de 2020 e janeiro de 2021, que correspondem ao primeiro e ao segundo confinamento geral. Conclui que entre os dois períodos se alteram os enquadramentos, passando-se de um posicionamento positivo para um negativo, onde se enfatizam as falhas na gestão pública e sanitária da pandemia.

O volume encerra com o artigo de Paulo Barroso sobre a aplicação da semiótica da religião à compreensão das estruturas de significado das experiências religiosas. Se a semiótica da religião é o estudo e a interpretação dos signos e das práticas nas experiências religiosas, então ela é também uma semiótica da cultura, já que envolve

Prefácio

comunicação, significado e simbolismo. As crenças, práticas, expressões, a produção de sentidos e os processos de semiose que determinam formas de pensar, sentir, agir e representar a realidade são os elementos culturais que definem uma religião. Então, conclui Paulo Barroso, a semiótica da religião é um ramo interdisciplinar das ciências sociais e humanas e um tipo de semiótica da cultura. Por outro lado, a religião é um fenómeno semiótico, já que é sustentada por “um sistema e estrutura de signos, representações e processos de significação e construção cultural do mundo, sem os quais não poderia haver religião ou visão de mundo que cada forma de vida religiosa propõe” (p. 196).

Vasco Almeida

Inês Amaral

Henrique Vicente

Maria João Barata

Fernanda Daniel